

alterando o modo como são praticadas e aumentando as potencialidades de interação – mas também deixando no horizonte a perspectiva de lutas e conflitos pela definição de significados, agora circulando como estilhaços em várias frestas da vida cotidiana.

4

Bem-vindo a Mediapolis

Imagine uma realidade intermediada por telas digitais, responsáveis por formar a imagem do mundo. Essas imagens povoam a cultura e a imaginação das pessoas, construindo as concepções que terão de si mesmas e dos outros. A política se desenvolve com base nessas imagens que permeiam todos os momentos, do cotidiano mais banal à relação entre países. Se essa é a realidade na qual se vive, o conceito para defini-la foi proposto em 2007 pelo pesquisador britânico Roger Silverstone. A vida em Mediapolis.

O nome deriva de uma concepção conhecida. Na Grécia, por volta dos séculos V e IV a.C., a vida política da *polis*, a cidade, dependia em boa parte da comunicação pública entre indivíduos e grupos. Para um assunto ser debatido, era fundamental que ele ganhasse *visibilidade pública*, isto é, fosse trazido para discussão na *polis*. Nos debates, a fala era a principal mídia: quem tivesse a melhor retórica, fazendo uso de exemplos e imagens, ganhava. Nem todos os cidadãos participavam dessas discussões: a rigor, uma elite geralmente tomava as decisões, com pouca ou nenhuma intervenção dos outros.

Em uma tradução imediata, “mediapolis” poderia significar a “cidade da mídia”, uma metáfora para descrever a presença constante, contínua, ubíqua, dos meios de comunicação. No entanto, Silverstone parece ir em outro sentido: “mediapolis” seria a “*polis* da mídia”: no mundo contemporâneo, o espaço da política, das tomadas de decisões e definição de regras é construída nas mídias e a partir delas.

Se é possível misturar as traduções, a metáfora da “cidade da mídia” pode auxiliar a compreender a ideia de que as relações políticas e pessoais são vividas, em boa parte, nas telas digitais.

A realidade mediada

Os meios de comunicação são um dos principais, senão o principal, intermediário entre os indivíduos e o mundo.

Sem dúvida as relações sociais podem muito bem existir sem nenhuma interferência da mídia. No entanto, uma boa parte do que se sabe a respeito do mundo chega até os indivíduos pelas telas de computadores, *smartphones*, *tablets* e da televisão. Mesmo no âmbito das relações pessoais, as mídias digitais e a interação a partir de telas é comum, de modo que essas práticas também se articulam, de alguma maneira, com as mídias.

Intermediadas por telas digitais, a relação das pessoas com a realidade se torna, de alguma maneira, um vínculo com imagens e aparências. A tela, aliás, é o espaço da aparência: nas redes sociais, o “eu” mostrado aos outros não deixa de ser uma construção, feita a partir de escolhas para conseguir uma imagem de si mesmo de acordo com aquilo que se pretende mostrar. A mediação de si mesmo, assim como a mediação da realidade, faz com que o mundo compartilhado nas telas digitais se torne um espaço de troca de imagens e aparências. O mundo que aparece, e Silverstone joga com as palavras, é o mundo da aparência.

Isso poderia não ser mais do que um diagnóstico apocalíptico se não fossem suas consequências políticas e sociais. Em um mundo construído a partir de aparências, o que se sabe realmente sobre o outro? A contínua exposição de imagens repetidas de determinadas situações tende a reforçar clichês – imagens que se perpetuam com força em todas as mídias, da televisão às redes sociais. Se o mundo mediado é construído a partir de aparências, é com essas aparências que vão se desenrolar as relações políticas e se vai compreender o outro.

Representações, desigualdade e poder

Se as discussões na *polis* grega eram feitas entre pessoas em condições de igualdade entre os cidadãos, isso não acontece na *polis* midiática. A desigualdade nas representações, em termos quantitativos e qualitativos, é um dos principais pontos de conflito na mediapolis.

Alguns países, por exemplo, estão presentes quase todos os dias no noticiário, enquanto outros raramente aparecem. Mais ainda, alguns povos tendem a ser representados, a partir de pontos de vista negativos, como agressivos, bélicos ou potencialmente perigosos para todos os outros. Essas

representações, por menos relações que mantenham com a realidade, constituem a realidade mediada a partir da qual se conhece o mundo. Como afirma Silverstone na p. 37 de *Media and morality*, o desafio é pensar “a desigualdade de representações e a persistência de exclusões que marca a mediapolis como um espaço de exercício do poder da mídia, tanto pelo capital quanto pelo Estado”.

Narrar o outro

Silverstone destaca um fator adicional de poder na *polis* mediática: as narrativas.

Narrativas são um elemento fundamental para se entender a realidade. Contando histórias é possível aprender sobre o passado e se criar perspectivas para o futuro, da mesma maneira que se é informado a respeito de quem se é e de quem os outros são. Ao narrar uma história, uma versão sempre ganha das outras, definindo quem são os heróis e seus méritos, bem como as qualidades negativas dos opositores. Narrar vai muito além de se contar alguma coisa, mas influencia diretamente no modo como os acontecimentos serão interpretados. Em outras palavras, uma narração não é apenas uma *descrição* da realidade, mas também sua *construção*.

O potencial político do ato de narrar, na *polis* mediática, é explorado em seu potencial. “A narração”, lembra Silverstone na p. 53, “está no coração da política, oferecendo a possibilidade de se compartilhar uma cultura e as bases para o entendimento comum, para se fazer sentido”. Mais importante, narrativas competem entre si por espaço. A narrativa “correta” de uma época pode ser desafiada e contraditada em outras.

Espaço de debates, conflitos e articulações entre representações mediadas, a noção de uma *polis* midiática proposta por Silverstone abre espaço para a interpretação não apenas da vida cotidiana, mas das repercussões políticas e sociais que a troca simbólica de imagens e aparências cria a respeito de si mesmo e do outro – seja na esfera das relações interpessoais, seja na política mundial.